

O enfraquecimento da religião e o emergir da espiritualidade não religiosa

Flávio Augusto Senra Ribeiro ¹

José Álvaro Campos Vieira ²

Resumo

A comunicação desenvolve a concepção de Marià Corbí acerca espiritualidade não religiosa. Corbí observa que a crise contemporânea de sentido está entre as maiores crises da história da humanidade devido à perda de sistemas absolutos de referência e à transformação profunda das condições sociolaborais e culturais das sociedades atuais. No seu estudo, o autor constata que os elementos axiológicos de um grupo são gerados a partir da pragmática social e laboral e que a religião, como criação humana, é a institucionalização de uma dada configuração axiológica. Sendo um fenômeno social e cultural das sociedades pré-industriais, a religião sofre inevitavelmente impacto das condições laborais e culturais distintas daquelas havidas nas culturas pré-industriais. Aquelas condições estavam marcadas principalmente pela necessidade de garantir um sentido fixo e imutável para explicar a natureza e a cultura. Nas atuais sociedades de conhecimento, nas quais a maioria das ações laborais é impregnada não por modelos axiológicos, mas científico-tecnológicos, o paradigma original de institucionalização axiológica representada pela religião enfrenta o seu declínio, um verdadeiro colapso, entende o autor catalão. Segundo Marià Corbí, na contemporaneidade, a cultura que dinamiza a vida do homem e da coletividade não impõe alguma crença nos moldes originários das culturas pré-industriais e vislumbra-se, desse modo, o emergir da espiritualidade não religiosa. Durante milênios, o homem cultivou a sua dimensão espiritual por meio da religião, um termo que fica reservado àquelas configurações axiológicas pré-industriais marcadas pelo não-dinamismo da fixidez e paradigma da estabilidade. Porém, nas contemporâneas sociedades de conhecimento, a dimensão espiritual, chamada por Corbí de dimensão absoluta, está desafiada pelos modelos da cultura contemporânea. Para Marià Corbí, o caminho da espiritualidade sem religião é cultivado via conhecimento silencioso. Esta comunicação sobre o pensamento de Marià Corbí pretenderá ainda apresentar alguns questionamentos e perspectivas no horizonte dos estudos sobre secularização e espiritualidade laica com base nos estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa Religião e Contemporaneidade.

Apoio: FAPEMIG – Edital Universal 2012 e FIP PUC Minas 02/2013.

Palavras-chave: Espiritualidade não religiosa. Religião. Marià Corbí.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid. Professor do PPGCR PUC Minas.

² Mestrando em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

As sociedades atuais atravessam uma crise de valores que, segundo Marià Corbí, apresentam proporções jamais vistas na vida dos indivíduos e das sociedades. Tal crise tende a se agravar porque o homem carece de um sistema fixo e universal de valores que o auxilie na leitura do mundo e na tomada de suas opções.

Na perspectiva do epistemólogo catalão, a crise axiológica advém de uma radical transformação dos sistemas de vida e de cultura da humanidade.

Perdemos todos os sistemas absolutos de referência — os sagrados, os naturais e os científicos —, e isso aconteceu precisamente quando acabamos de nos inteirar de que temos em nossas mãos o destino global. Não nos restam mais nenhum critério, nem mais nenhum guia, a não ser nossa própria sabedoria, se a tivermos, nossa própria qualidade como indivíduos e, sobretudo, como coletividades. (CORBÍ, 2010b, p.164).

Frente a essa difícil situação, Corbí alega que se deve compreender como se forma a axiologia humana para que se possa responder adequadamente aos desafios do momento atual. Por isso, o autor procura “[...] construir elementos para uma teoria axiológica capaz de gerar uma teoria do valor e de suas transformações, para encontrar as leis que regem essas construções e transformações, a fim de poder dar resposta à nossa situação axiológica atual” (CORBÍ, 2011a, p. 822, tradução nossa).³

1 UMA ESPIRITUALIDADE SEM RELIGIÃO

O autor compõe uma teoria sobre a axiologia humana a partir da análise das formações axiológicas e das configurações mitológicas das sociedades pré-industriais. Corbí percebe que cada sociedade pré-industrial é marcada por uma atividade central que garante a sobrevivência da coletividade. No decorrer dos tempos, as atividades centrais dessas sociedades foram a caça, a pecuária e a agricultura. Marià Corbí entende que a atividade central gera um paradigma, ou seja, uma *metáfora central*. É a partir da metáfora central que os indivíduos desenvolvem uma percepção de si, do entorno e do mundo e constroem sua cultura.

³ [...] construir elementos para una epistemología axiológica capaz de generar una teoría del valor y de sus transformaciones, para encontrar las leyes que rigen esas construcciones y transformaciones, a fin de poder dar respuesta a nuestra situación axiológica actual.

Segundo Marià Corbí, a metáfora central é sempre axiológica porque é a partir desse paradigma que se constrói um sistema axiológico. Por existir uma relação intrínseca entre os valores construídos e a práxis social e laboral deduz-se que os valores são fenômenos sociais e culturais. Desse enunciado se depreende que a religião sendo um sistema de valores é, portanto, um fenômeno social e culturalmente produzido.

O mundo para o animal é medido e circunscrito ao domínio das necessidades. Diferente dos animais, o homem, como ser falante, ao contrário, desfruta da possibilidade de ter acesso a duas dimensões da realidade. O acesso à realidade que distingue radicalmente o homem dos outros animais, porque não é pautado pelas necessidades, Marià Corbí nomeia de *experiência absoluta da realidade*. Absoluta porque existe em si mesma e é independente e autônoma de nós mesmos.

Essa experiência absoluta da realidade não é uma experiência transcendental, como o seria a experiência de uma realidade que ultrapassasse este mundo. Trata-se da experiência deste mesmo mundo, ao qual temos acesso com nossos sentidos, com nossa mente e nossa ação, mas que é visto, compreendido e sentido como existindo e valendo com total independência com relação a nós e a qualquer relação com nós mesmos. (CORBÍ, 2010b, p. 26).

É a experiência absoluta da realidade que permite ao homem construir sistemas axiológicos. Entre os diferentes sistemas axiológicos que regem a vida humana, tais como a ética, a arte, a política, dentre outros, Marià Corbí aborda particularmente o religioso.

Os fatores que originaram as religiões, conforme o autor, foram: a nossa condição de falantes, a dupla experiência do real, as condições pré-industriais de vida e a programação coletiva mediante os mitos e os ritos. “Os dois primeiros fatores são inalteráveis, porque se apresentam em qualquer condição cultural concebível. O terceiro e o quarto fatores só se apresentarão em condições de vida pré-industrial, mas não em condições de vida industrial.” (CORBÍ, 2010b, p.135). Pelos fatores apresentados concluiu-se que o núcleo gerador das religiões é antropológico e não religioso e que “em si, ele não possui nenhuma sacralidade.” (CORBÍ, 2010b, p. 135). Se religião é um sistema axiológico construído a partir das metáforas centrais das sociedades pré-industriais, quer-se dizer com isso que existe religião não porque o homem é religioso, mas devido a certas condições culturais pelas quais a humanidade atravessou no curso da sua história — as pré-industriais — e das quais nasceu a religião. Religião é, então, uma produção cultural.

O fato religioso é um fato axiológico. Toda expressão, ação ou ritual, toda vivência religiosa é axiológica. Logo, o lugar do religioso é o âmbito do axiológico humano. (CORBÍ,

1983, p. 48, tradução nossa).⁴ Sendo um fenômeno cultural, as mudanças que ocorrem na sociedade repercutem indiscutivelmente na religião.

É sabido que o processo de industrialização fomentou uma mudança relevante na atividade humana. De uma ação central de cunho pré-industrial, a sociedade passa a ser mobilizada a partir de uma ação central científico-tecnológica. Nesse novo contexto sociocultural a epistemologia mítica mostra-se ultrapassada e, como resultado, o programa de vida apontado pelos mitos perde sua plausibilidade. Rompe-se, assim, com um dinamismo instituído pela religião que pautava a vida do homem ao longo de milênios. Por ser edificada pela epistemologia mítica, a religião começa a desmoronar na sociedade industrial.

Na contemporaneidade vive-se a segunda revolução industrial e a gestação de um novo tipo de sociedade. Passamos de um sistema de produção de bens para um sistema que prima pela produção de conhecimentos, onde a informática é a tecnologia central. Na sociedade de inovação nada está fixado. Evidentemente que esse novo contexto é uma provocação contundente a sistemas axiológicos rígidos e pretensamente intocáveis, sejam eles religiosos ou laicos. Não existem verdades e valores que gozem de um fundamento extrínseco à humanidade e, por isso, na sociedade de conhecimento o homem é desafiado a viver em seguranças tênues construídas por ele mesmo. Acontece a passagem da heteronomia para a autonomia. A segunda revolução industrial conduz o homem ao convencimento de que tudo na vida, qualquer projeto individual ou coletivo, tem de ser construído por ele mesmo.

Na visão de Maria Corbí, à medida que as sociedades de conhecimento ou de inovação vão se consolidando, o sistema de crenças e de valores que regularam as coletividades durante milhares de anos perde sua credibilidade e tende a se diluir.

Nas sociedades atuais, as instituições e os discursos religiosos mostram-se inadequados diante da estrutura laboral e social. Hoje, a maioria das ações laborais é impregnada não por modelos axiológicos, mas científico-tecnológicos. E por não incluir elementos axiológicos, a ação de caráter científico-tecnológico, segundo Corbí, não se tornará em metáfora central e não concederá um programa coletivo. Isso vale também para o conjunto do corpo social.

Grandes campos da realidade estão desprovidos de carga axiológica, tanto por efeito da mediação científico-tecnológica, quanto pela percepção complexa e inabarcável

⁴ El hecho religioso es un hecho axiológico. Toda expresión, acción, o ritual, toda vivencia religiosa es axiológica. Luego el lugar de lo religioso es el ámbito de lo axiológico humano [...] De lo dicho hasta aquí se concluye, y así lo hemos comprobado, que los sistemas religiosos cambian o se transforman cuando el sistema laboral-social cambia o se transforma. Una religión no adecuada a su momento laboral y social, se margina o perece. Esta es una conclusión de gran importancia para analizar la razón de la crisis actual religiosa.

dos fatos laborais e das estruturas sociais de nossa sociedade. As mesmas relações intersubjetivas, tanto laborais como sociais, tendem a aumentar sua eficácia pragmática, enquanto se esvaziam de densidade axiológica. Também a família se encontra incluída nesse processo. As relações sociais, quase em sua totalidade, estão estabelecidas mais ao serviço da produção e da técnica, que ao serviço da comunicação humana e da comunhão axiológica. (CORBÍ, 1983, p.50, tradução nossa).⁵

Está-se diante de uma conjuntura que provoca a falência dos sistemas axiológicos herdados quer das religiões, quer das ideologias. “Nossas sociedades atuais encontram-se num estado grave de anomia axiológica e, por conseguinte e relacionada com esse estado, em uma grande crise com respeito às formas religiosas.” (CORBÍ, 1983, p. 46, tradução nossa).⁶ Conforme Corbí, nas sociedades plenamente industrializadas e de inovação não se geram religiões e as que ainda persistem tendem a fracassar. “As religiões têm uma relação intrínseca com as sociedades estáticas pré-industriais. Esta é uma constatação importante. Como regra geral, onde há esse tipo de sociedades, a religião existe, e onde esse tipo de sociedades desaparece, a religião [...] tende a desaparecer.” (CORBÍ, 2010b, p. 167).

Nas novas sociedades a religião se enfraquece e entra em colapso, mas a experiência da dimensão absoluta da realidade, ou a experiência espiritual, permanece porque é uma qualidade especificamente humana.⁷ Nessa situação de mudança, segundo Marià Corbí, não se pode colocar de lado ou arquivar as tradições religiosas. As tradições religiosas são uma fonte de sentido e de sabedoria porque nelas subsiste um legado com um valor inestimável para o homem de qualquer cultura e/ou época da história. Esse legado é percebido pela experiência dos mestres espirituais (místicos). Os grandes mestres espirituais fizeram a experiência espiritual, ora à margem, ora dentro dos moldes da religião, mas, claro, sempre limitados aos elementos da cultura do tempo. Para Corbí, “das religiões e das grandes tradições espirituais da humanidade só nos interessa a sabedoria que elas acumularam durante milênios. Não nos interessa nada seus sistemas de crenças, organizações, sistemas de submissões, rituais, etc.”

⁵ Grandes campos de la realidad están desnudos de carga axiológica, tanto por efecto de la mediación científico-técnica, como por la complejidad e inabarcabilidad sensitiva de los hechos laborales y de las estructuras sociales de nuestra sociedad. Las mismas relaciones intersubjetivas, tanto laborales como sociales, tienden a aumentar su eficacia pragmática, a la vez que se vacían de densidad axiológica. También la familia se encuentra incluida en ese proceso. Las relaciones sociales, casi en su totalidad, están establecidas más al servicio de la producción y de la técnica, que al servicio de la comunicación humana y de la comunión axiológica.

⁶ Nuestras sociedades actuales se encuentran en un grave estado de anomía axiológica y, por supuesto [...] y relacionada con ese estado, en una gran crisis con respecto a las formas religiosas.

⁷ É conveniente aclarar e reforçar a distinção entre “religião” e “experiência da dimensão absoluta da realidade”; a primeira refere-se a uma criação cultural, a segunda alude à “disposição natural do ser humano de se transcender”.

(CORBÍ, 2012a, tradução nossa).⁸ Por isso, há que distinguir a experiência dos mestres das crenças. É imprescindível, argumenta Corbí, diferenciar aqueles que “[...] são mestres do espírito e aqueles que são mestres das crenças, das ortodoxias.” (CORBÍ, 2010b, p.182). A que se refere a experiência dos grandes mestres espirituais?

Através dos grandes mestres espirituais é desvelada a possibilidade de acesso à realidade não-dual, diferente daquele que acontece na cotidianidade, geralmente pautado pelas necessidades. Os mestres espirituais lançam o convite “[...] a um processo de transformação e de refinamento dessas faculdades [humanas], a fim de torná-las aptas a uma nova maneira de conhecer, de sentir, de perceber e de atuar.” (CORBÍ, 2010b, p.187). Para isso, é fundamental não se ficar enclausurado numa única leitura da realidade, por exemplo, sob o prisma das necessidades, dos mitos ou das ciências. O acesso que se tem à realidade pela experiência absoluta abre a mente a outro tipo de conhecimento da realidade e faz o homem romper com as fronteiras das necessidades que pautam a existência dos animais. Quem adentra por essa vereda testemunha que aquele que vê e o ‘outro’ não são dois. Esse caminho, livre de crenças e de algum sistema de programação, conduz à unidade. Desse modo, e na contramão da história, os mestres espirituais apresentam um ensinamento poderosíssimo, embora desprovido de alguma posse; um caminho a percorrer, não obstante sem sinalização alguma; um conhecimento transparente ainda que sem conceituações e representações. Marià Corbí designa esse outro tipo de conhecimento do real, que consiste na experiência absoluta da realidade, de conhecimento silencioso.

O conhecimento silencioso não é um conhecer oculto e esotérico sobre a realidade, mas um conhecer que faz o homem presenciar o real desprovido das construções da sua condição necessitada.

Esse conhecimento silencioso não é uma interpretação da realidade, nem uma representação, nem uma resposta metafísica aos enigmas da existência, nem uma formulação. É um conhecimento que é livre de pensamentos e palavras e, por isso, não está acorrentado aos mecanismos da razão. (CORBÍ, 1992, p.303, tradução nossa).⁹

Silenciar a condição necessitada não é sinônimo de apatia para com a realidade. Pelo contrário, é procurar calar o ego insaciável de necessidades e tornar possível a apreensão da

⁸ De las religiones y de las grandes tradiciones espirituales de la humanidad sólo nos interesa la sabiduría que en ellas se acumuló durante milenios. No nos interesa nada de sus sistemas de creencias, organizaciones, sistemas de sumisiones, rituales, etc.

⁹ Ese conocimiento silencioso no es una interpretación de la realidad, ni una representación, ni una respuesta metafísica a los enigmas de la existencia, ni una formulación. Es un conocimiento que es libre de pensamientos y palabras y, por ello, no está encadenado a los mecanismos de la razón.

realidade tal como ela se apresenta para se conhecer e sentir o real tal como se manifesta. Os grandes mestres espirituais adentraram pelo caminho do conhecimento silencioso. Nessa experiência eles desvelam o Absoluto como uma presença única, inefável e livre de qualquer forma. Nos seus escritos não se vê o mapa do caminho a ser trilhado, mas a possibilidade de uma experiência e de um conhecimento novos. O caminho cada um é quem o faz. É uma prática que se funde na unidade e onde cessa toda dualidade. Tal conhecimento proporciona “[...] o respeito, o amor, a veneração e o reconhecimento por tudo o que existe e o que vive neste planeta e por nós mesmos [...]” (CORBÍ, 2010b, p.201).

Existe um legado de valor inestimável nas tradições religiosas, mas isso não quer dizer que a religião tem um lugar nas novas sociedades. Nas novas condições culturais a religião, como projeto de vida individual e coletivo, tornou-se inviável e não haverá um substituto para a religião. Nas novas sociedades, as religiões devem apresentar-se como “[...] escolas de cultivo dessa outra dimensão humana, [...] e] lugares nos quais se guarda e cultiva a sabedoria dos antepassados e mestres para através dela educar, orientar e cultivar, individual e coletivamente, essa dimensão.” (CORBÍ, 1992, p. 294, tradução nossa).¹⁰ A herança que se reflete dos mestres é uma indagação sobre a dimensão absoluta do real, que ultrapassa toda forma e todo sistema de interpretação e de avaliação. Diante disso os indivíduos são instigados a reavivar esse legado sem, contudo, serem religiosos e submeterem-se a velhas ou novas crenças, sejam religiosas ou laicas.

Há que ousar e viver, então, segundo uma espiritualidade livre das crenças do passado que fixam a interpretação, a avaliação e a organização humanas. Ainda que seja expressa em formas, a espiritualidade não poderá ter formas religiosas nem será uma religião. Afinal, diz o autor, “espiritualidade é liberdade de toda forma e de toda fôrma.” (CORBÍ, 2010b, p.169). Uma espiritualidade sem crenças e que considere o legado das grandes tradições religiosas é, segundo Corbí, o maior serviço que se pode prestar à humanidade e ao planeta. Esse é o caminho realmente eficaz, não porque nos conduz a outro mundo ou porque nos faz fugir do real, mas porque nos situa por inteiro na realidade que nos rodeia. Na ausência do conhecimento e do sentir silenciosos tudo será conduzido pelo viés da competição e depredação, e jamais haverá preservação, igualdade e justiça. Sem “[...] a experiência absoluta da realidade, que é nossa qualidade específica, não há humanidade e nos aproximamos da condição animal.” (CORBÍ, 2010b, p.219). Em qualquer época da história e em qualquer

¹⁰ [...] escuelas de cultivo de esa otra dimensión humana, [...] e] lugares en los que se recoge y cultiva la sabiduría de los antepasados y maestros para educar con ella, orientar y cultivar, individual y colectivamente, esa dimensión.

cultura o cultivo desse silenciamento faz-se necessário. O conhecimento silencioso é, para Corbí, o caminho da espiritualidade não religiosa.

REFERÊNCIAS

CORBÍ, Marià. **Análisis epistemológico de las configuraciones axiológicas humanas**. La necesaria relatividad cultural de los sistemas de valores humanos: mitologías, ideologías, ontologías y formaciones religiosas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1983.

CORBÍ, Marià. **El cultivo de la cualidad humana y de la cualidad humana profunda**.

Disponível em:

<www.cetr.net/es/articulos/calidad_humana/el_cultivo_de_la_cualidad_humana_y_d>.

Acesso em: 17 jul. 2012a.

CORBÍ, Marià. El destino de las nuevas sociedades industriales está sólo en nuestras manos. **Horizonte**, Belo Horizonte: PUC Minas, v.9, n.23, p.821-838, out./dez. 2011a.

CORBÍ, Marià. **Hipótesis interpretativa de la crisis de las religiones**. Disponível em:

<www.cetr.net/es/articulos/calidad_humana/hipotesis_interpretativa_de_la_crisi>. Acesso

em: 31 mar. 2013a.

CORBÍ, Marià. La gran crisis de las religiones y el auge de los integrismos. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). **O Futuro da religião na sociedade global**. Uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2008, p. 81-116.

CORBÍ, Marià. **Mística laica, calidad y madurez humana**. Disponível em:

<www.cetr.net/es/articulos/calidad_humana/mistica_laica_calidad_y_madurez_huma>.

Acesso em: 31 mar. 2013b.

CORBÍ, Marià. **Para uma espiritualidade leiga sem crenças, sem religiões, sem deuses**.

São Paulo: Paulus, 2010b.

CORBÍ, Marià. **Proyectar la sociedad, reconvertir la religión**: los nuevos ciudadanos.

Barcelona: Herder, 1992.

CORBÍ, Marià. **Tránsito de una religión de creencias a una espiritualidad de conocimiento**. Disponível em:

<www.cetr.net/es/articulos/calidad_humana/transito_de_una_religion_de_creencia>. Acesso

em: 16 jul. 2012c.

CORBÍ, Marià. **Una espiritualidad laica**. Disponível em:

<www.cetr.net/es/articulos/calidad_humana/una_espiritualidad_laica>. Acesso em: 31 mar.

2013c.